



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSORA ORIENTADORA: Ellis Regina Araújo da Silva  
ÁREA: Radiojornalismo

## **Os primeiros anos do rádio em Brasília**

Mônica Gonçalves Cardoso  
2053439-2

Brasília  
2007

Mônica Gonçalves Cardoso

## **Os primeiros anos do rádio em Brasília**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas-FASA, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Ms.Ellis Regina Araújo da Silva

Brasília  
2007

Mônica Gonçalves Cardoso

## Os primeiros anos do rádio em Brasília

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, FASA como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

### Banca Examinadora

---

Prof.Ms.Ellis Regina Araújo da Silva  
Orientadora

---

Prof. Marcelo Godoy  
Examinador

---

Jornalista Lícia Marques  
Examinadora

Brasília, outubro de 2007

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que diretamente contribuíram com atenção e zelo para que eu estivesse hoje finalizando mais esta etapa da minha vida.

## **Agradecimentos**

A Deus, meus mentores espirituais e amigos encantados. A Malena, minha doce filha que em todos os momentos esteve presente ajudando com palavras de carinho, força e companheirismo. À Osmar Cardoso, meu querido pai , que mesmo longe torce pelo meu sucesso em todos os momentos da minha vida. Agradeço de maneira especial à Cleusa Sena, Antoine Haddad, Mascarenhas de Moraes, e aos meus queridos Clemente Drago, João Marques e Carlos Sérgio Sena que me ajudaram a tornar possível a realização deste trabalho.

Concedei-me Senhor, a  
Serenidade necessária para  
aceitar as coisas que eu não  
posso modificar, Coragem  
para modificar aquelas que  
eu posso e Sabedoria para  
distinguir umas das outras.  
Só por Hoje.  
(anônimo)

## **RESUMO**

Este trabalho tem o intuito de contar a história do rádio, das primeiras transmissões em Brasília, revitalizando o registro para os meios de comunicação. Trata-se dos primeiros momentos da história da Capital Federal, e de como se organizou na cidade, onde estudantes, profissionais e demais interessados, tenham referenciais para consulta, que até o momento carece de arquivos.

Objetivando suprir lacunas nos caminhos, memórias e organização de informações sobre um pedaço dessa forma de comunicação de massa que é o rádio, suas funções sociais e adaptações ao longo do tempo.

Palavras-chave: rádio em Brasília, rádio, história do rádio, programas de rádio em Brasília

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1.INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>09</b> |
| <b>2 O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA .....</b>          | <b>12</b> |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>4 HISTÓRIA .....</b>   | <b>16</b> |
| 4.1 “O pau que fala” - a rádio “A voz de Brasília” .....          | 16        |
| 4.2 Bom dia, está no ar “A voz de Brasília” .....                 | 17        |
| 4.2.1 “A Voz de Brasília há de vender sem fugir da verdade” ..... | 17        |
| 4.3 Nasce a Rádio Nacional de Brasília .....                      | 21        |
| 4.4 As grandes vozes da cidade .....                              | 25        |
| 4.5 Rádio Alvorada, o fenômeno .....                              | 25        |
| 4.5.1 O “Giro da Notícia” .....                                   | 26        |
| 4.5.2 O caso do milico que era fã.....                            | 26        |
| 4.5.3 Equipamentos .....  | 27        |
| 4.5.4 E continua a programação... ..                              | 27        |
| 4.5.5 Falha Nossa... ..   | 28        |
| 4.5.6 Ao Cair da Tarde... ..                                      | 28        |
| 4.5.7 Alvorada é só sucesso .....                                 | 30        |
| <b>5.BASTIDORES DO RÁDIO .....</b>                                | <b>31</b> |
| 5.1 Moreno alto, bonito e sensual .....                           | 31        |
| 5.2 O grande sucesso de Luiz Gonzaga .....                        | 31        |
| 5.3 O pedido de casamento .....                                   | 32        |
| 5.4 Outra do João.....  | 32        |
| 5.5 E atenção! Tropa de marrecos invade o Afeganistão!.....       | 33        |
| 5.6 Mascarenhas de Moraes.....                                    | 33        |
| 5.7 A rivalidade entre os colegas .....                           | 34        |
| <b>6 CONCLUSÃO .....</b>  | <b>36</b> |
| Bibliografia .....  | 38        |

# 1 INTRODUÇÃO

Este projeto tem como foco abordar a história do rádio em Brasília em seus primeiros anos. Nesse sentido, trata das origens das primeiras emissoras e da consolidação do veículo como meio de informação e entretenimento. O principal objetivo é contar como foi o começo do rádio em Brasília e quem foram os profissionais que começaram a fazer a história na cidade.

O principal papel do rádio é servir à comunidade. Contar a história diária da população, seus anseios e descobertas. Quando se trata de descrever a história do rádio em Brasília, ou de pesquisar como tudo aconteceu, não se encontra material impresso e nem documentários. Há pouco investimento e, embora seja um veículo tão importante, não há registros formais ou oficiais da história dele na Capital Federal. O rádio alcança 96% do território nacional, é o veículo de maior abrangência e atinge a população que não sabe ler. No entanto, apenas 3% da verba publicitária vai para o rádio. De acordo com dados da Associação Brasileira de Rádio e Televisão (ABERT), hoje, no Brasil, existem mais de cinco mil rádios entre AM, FM e comunitárias.

A maioria das rádios nos estados tem história ou registros, o que não acontece em Brasília, que foi inaugurada nos anos 1960, juntamente com a primeira rádio oficial instalada na cidade, a Rádio Nacional. A cidade foi crescendo, se desenvolvendo e a história dela tem sido contada ao longo dos anos. Este trabalho de pesquisa quer deixar registrado como foi o início das transmissões de rádio na cidade e toda a trajetória nos primeiros anos de existência do veículo na capital federal.

A indústria de radiodifusão nasceu em dois de novembro de 1920, em Pittsburgh nos Estados Unidos, quando a KDKA foi ao ar. Dois anos depois, a empresa Westinghouse trouxe equipamentos iguais para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Os responsáveis pela presença do rádio no Brasil, nos anos 1920, foram grupos formados por amigos que dividiam os custos das transmissões, compravam equipamentos, material de escritório e alugavam salas para as transmissões da emissora.

Essas pessoas, a maioria da elite ligada à cultura, estavam em busca de algo novo, motivadas pelo processo de urbanização que atingia os grandes centros da época, a começar pelo Rio de Janeiro, então capital federal.

Não por acaso foi lá que surgiu a idéia da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fruto da ação de *Roquette-Pinto* (1884-1954), considerado o pai da radiodifusão no Brasil, e amigos. Além destas pessoas, muitas firmas comerciais contribuíam financeiramente para a manutenção da rádio. Em troca, a empresa era citada durante a programação, divulgação que revertia na venda de equipamentos. Outros colaboradores, sem interesse comercial, emprestavam os discos, que eram devolvidos após executados. Em pouco tempo, verificou-se que as músicas tocadas na emissora vendiam mais nas lojas.

De acordo com Milton Jung (2004), pioneirismo e primitivismo foram duas palavras que cercaram o rádio brasileiro neste período. As transmissões eram feitas de maneira rudimentar. Na época, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro já tinha uma concorrente, a Rádio Clube do Brasil.

Sou radialista há vinte anos, além de viver da profissão, sou apaixonada pelo rádio. Todas as vezes que eu quis saber alguma coisa da história do rádio em Brasília recorri aos meus colegas mais antigos, que apenas davam seus relatos sobre as coisas significativas que presenciaram ou protagonizaram na história, pois não há registro escrito sobre o assunto.

A partir daí resolvi me aprofundar e reescrever as informações resgatadas por meio dessa pesquisa e deixar registrada esta história que será contada por meio de depoimentos de profissionais que trabalhavam na época, além de trazer à luz da comunidade científica da área de Comunicação Social documentações e gravações.

Contar a história do rádio, das primeiras transmissões em Brasília e deixar registrado para os meios de comunicação é tarefa urgente no cenário das

Comunicações, afinal trata-se de um pedaço da história da Capital Federal, de como se organizou o capital simbólico (informações) na cidade. Para que estudantes, amantes do assunto ou mesmo os profissionais que hora atuam em diferentes formatos de rádio tenham material.

É necessário informar os caminhos, memórias e dificuldades sobre um pedaço dessa forma narrativa que é o rádio, suas funções sociais e adaptações ao longo do tempo.

O universo do rádio em Brasília não tem história, pelo menos não uma história documentada. Não existe nada registrado. As pessoas contam histórias umas para as outras, mas não há articulações sobre as razões históricas para ter acontecido dessa ou de outras formas. O fato que agrava a situação é que a maioria das pessoas que fizeram rádio naquela época (anos 1960) envelheceu ou até já morreu. Como o universo é muito pequeno, pelo número de profissionais e pelas dificuldades técnicas da época, contar a história se faz necessário, se não ela desaparecerá como a própria importância de fazer falar a história.

Especificamente, esta pesquisa tem como objetivo contar a história do rádio em Brasília a partir dos primeiros anos da sua fundação; mostrar como foram os primeiros anos na cidade como eram feitos os programas e as matérias; analisar os formatos dos programas e das reportagens; analisar a linha editorial das primeiras emissoras e fazer o registro escrito dos relatos orais dos primeiros radialistas de Brasília. Isso torna este trabalho inédito, já que não há nenhum registro documentado sobre os primeiros anos do rádio na cidade.

Para a pesquisa, serão utilizados os depoimentos das pessoas que fizeram parte da primeira equipe de rádio de Brasília, locutores, jornalistas, coordenadores, programadores e ouvintes. O material de áudio dos primeiros anos foi perdido, pois à época não existiam tapes, só acetato, que não resistiu ao tempo. As gravações antigas ainda existentes e de acervo particular utilizadas nesta pesquisa são oriundas da década de 1970.

## 2 O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

De acordo com Emílio Prado (1985), o rádio é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta nossa sociedade atual. Nenhum outro meio pode competir com sua modalidade e é por isso que a notícia veiculada pelo rádio é a primeira. O rádio se comunica com um público heterogêneo, composto pelos diversos escalões socioculturais e, conseqüentemente com diferentes níveis de compreensão. O rádio, devido à sua mobilidade, permite que a recepção da mensagem seja compatível com outras atividades, em especial com as que têm caráter manual. Assim, temos ouvintes que estão dirigindo, trabalhando em uma fábrica, no campo ou em casa, entre outras atividades. Estas situações são múltiplas e diversas, mas todas elas exigem uma parte da atenção da pessoa dedicada a sua execução, diz Emílio Prado.

No artigo *Teoria do Rádio*, Bertold Brecht em 1932 escreve que “A radiodifusão poderia ser o maior meio de comunicação já imaginado na vida pública, um imenso sistema de canalização. Isto é, seria se fosse capaz não apenas de emitir, mas também de receber; em outras palavras: se conseguisse que o ouvinte não apenas escutasse, mas também falasse, que não permanecesse ilhado, mas relacionado”.

Eduardo Meditisch (2001), em seu estudo sobre como o meio de comunicação, ressalta que a bibliografia existente sobre o veículo, além de reduzida em relação à disponível sobre os outros meios de comunicação, encontra-se dispersa e com acesso dificultado por uma série de fatores.

A posição subalterna a que o rádio foi relegado, fez com que o veículo fosse tratado, na maior parte das vezes, como capítulo de obras de interesse mais geral, o que raramente é citado na catalogação dos livros. Os livros específicos, por sua vez, dificilmente ultrapassam a primeira edição que, uma vez esgotada, é retirada

dos catálogos das editoras. As bibliotecas, mesmo as especializadas em comunicação social, costumam ter o rádio entre as suas últimas prioridades em termos de aquisição, o que torna essas edições sazonais irrecuperáveis. Desta forma, qualquer levantamento sobre o que já se publicou sobre o rádio será forçosamente incompleto.

Assim como o jornalismo foi considerado até por volta da década de 1960, como um gênero literário, o surgimento do rádio foi saudado como o de uma “oitava arte”. Em consequência, a preocupação estética foi dominante nos primeiros estudos sobre o meio. O clássico do alemão Rudolf Arnheim 1936, *Rádio*, publicado em 1936, é um testemunho da época que sobreviveu ao tempo. O interesse estético pelo rádio foi ofuscado pelo surgimento da televisão e houve uma transferência, para o novo meio, de quase toda a sua programação artística. Mesmo assim, essa linha de investigação produziu algumas das obras fundamentais para a compreensão do rádio e de sua linguagem, conforme ressalta Metidisch.

O rádio como um meio com características tão especiais foi fundamental para a comunicação nos primeiros anos de Brasília. Logo no início da cidade possuía as funções de uma Rádio Comunitária. Era por ele que as pessoas sabiam das condições do tempo e de como estavam as estradas.

Ajudava a controlar incêndios na Cidade Livre, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante. As casas eram todas feitas de madeira ou madeirite. Com o clima seco, os incêndios eram muito comuns, o que fazia do rádio um meio de comunicação fundamental para ajudar a população, avisando onde estavam os focos de incêndio. Com essa prestação de serviço, as pessoas tiravam os pertences de dentro das casas e, ligadas no rádio, eram orientadas sobre como agir. Os comerciantes anunciavam ofertas de emprego, mandavam recados e os moradores tinham muito além de entretenimento, tinham trabalho, informação e companhia para todas as horas.

### 3 METODOLOGIA

O material foi obtido por meio de entrevistas semi-estruturadas que foram transcritas. Foi feita uma análise do material buscando preservar as vivências e efetuando comparações entre os dados obtidos.

De acordo com Jorge Duarte e Antônio Barros (2005), a entrevista semi-estruturada ou semi-aberta é um modelo que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura a um interesse de pesquisa. Ela “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo, à medida que se recebem as respostas do informante”(TRIVINÕS, 1990).

A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias das entrevistas.

Uma entrevista semi-aberta geralmente tem entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas. O pesquisador faz a pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.

A lista de questões-chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com um outro, um pouco diferente.

Uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chave serve, então, como base para descrição e análise em categorias, dizem os autores.

Para as entrevistas foram feitas perguntas-chave:

- 1) Como era a rádio no início de Brasília?
- 2) Como eram os programas?
- 3) Quem eram os locutores?
- 4) Como eram os equipamentos?
- 5) Quais os principais programas?
- 6) Como era feita a publicidade?

A partir destas questões semi-estruturadas foi feita uma relação com tópicos relevantes relacionados a cada questão. Depois de explorada cada pergunta original ao máximo junto ao entrevistado, a pesquisadora conferiu a relação para saber se todos os tópicos possíveis foram abordados. Neste ponto, surgiram outras perguntas e mais informações que, por meio de análise, deram origem a esta pesquisa. De acordo com Jorge Duarte e Antônio Barros (2006), tal estratégia mantém a naturalidade e as vantagens da entrevista semi-estruturada e evita que alguma questão relevante não seja abordada.

## **4 HISTÓRIA**

### **4.1 “O pau que fala” - a rádio “A voz de Brasília”**

O ano era 1957, o mês se perdeu da memória de Cleusa Sena, esposa, locutora, funcionária e companheira de Carlos Menezes Sena, um dos muitos pioneiros que chegou a Brasília para ajudar a construir a capital e ficar na história.

Não estamos falando de um homem comum. Carlos Menezes Sena, o “Sena”, como era conhecido, queria mais, ele era trabalhador e não parava um minuto, tinha muitos empregos, e assim que chegou à futura capital como funcionário público da Velhacap, não se contentou só com um trabalho, ele queria mais.

De acordo com Cleusa, “O Sena não parava quieto”. Então, ele, logo depois que começou a trabalhar na futura capital procurou ter outra atividade. O ramo dele era comunicação.

Na cidade Livre, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante existia um alto-falante de propriedade de um deputado. Tratava-se de uma coisa muito restrita, segundo Cleusa, onde só se tocava música. Chamava-se “A voz de Brasília”. O Sena começou a trabalhar para o deputado e, em pouco tempo, adquiriu o alto-falante e, quando já estava com ele, criou a mini-rádio. O povo a apelidou de “o pau que fala”, porque o alto-falante ficava no alto, pendurado em um poste.

Desde o início de Brasília e até hoje, na Cidade Livre, existem quatro avenidas: a primeira, a avenida central, a segunda e a terceira avenidas. Na época, só havia duas cornetas, que se chamavam alto-falantes. Quando assumiu a rádio, Sena colocou na cidade toda catorze cornetas e ampliou para as quatro avenidas. A Cidade Livre inteira ouvia os alto-falantes. Estava criada a primeira rádio de Brasília.

## **4.2 Bom dia, está no ar “A voz de Brasília”**

Era assim que começava o dia na rádio. Os textos datilografados por Sena eram lidos todos os dias. Os locutores faziam a programação musical, liam os comerciais e faziam o trabalho de utilidade pública. Havia também os programas em que as músicas eram oferecidas para os apaixonados, os aniversariantes, os saudosos de suas cidades e aqueles que queriam fazer amizade.

### **4.2.1 “A Voz de Brasília há de vender sem fugir da verdade”**

Cleusa Sena conta que a Voz de Brasília não possuía a extensão de uma rádio nos dias de hoje, mas era tudo arrumadinho. Havia os comerciais das lojas, das empresas imobiliárias e das construtoras. A publicidade era feita por meio dos oferecimentos comerciais e das ofertas de emprego. Os principais clientes eram as empreiteiras e as imobiliárias que vendiam lotes. O sustento da rádio vinha desses comerciais.

Naquela época uma das maiores anunciantes era a Construtora Pederneiras. Havia cinco empresas de construção em Brasília. Elas anunciavam na rádio para adquirir mão-de-obra. As empresas precisavam de pedreiros, marceneiros, pintores, todos os tipos de trabalhadores. As construtoras encostavam caminhões na porta do estúdio, onde Sena fazia os anúncios e, em questão de quinze minutos, estavam lotados os caminhões. Os trabalhadores que precisavam de emprego tinham lugar certo. Eles iam para a porta do estúdio e esperavam a oferta de emprego, como nos conta Cleusa Sena em entrevista concedida à autora:

“Precisa-se de trinta pedreiros para a companhia tal e foi assim. Então, de vez em quando rodava uma musiquinha e anunciava a música. Podia ser até em inglês mesmo, mas a preferência era de música caipira.”  
(Cleusa Sena, agosto de 2007)

A rádio ficava na Avenida Central, número 820 e dividia espaço com uma lojinha de souvenir da família. Mesmo pequeno, o estúdio era equipado com uma mesa de som, um microfone, um toca-discos e duas caixas de som e de acordo com Cleusa, mesmo sendo uma mini-rádio, eles sempre pagaram os direitos autorais para o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, ECAD. E cobrava-se muito, tudo era pago como manda a lei.

A programação era variada para que não houvesse tanta repetição. Os discos vinham do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de várias capitais do país. A preocupação era atender ao ouvinte e acompanhar as tendências musicais do país. O que mais tocava e fazia o maior sucesso eram Cauby Peixoto, Ângela Maria e Luiz Gonzaga. Este até visitou os estúdios uma vez, em 1958, quando ainda era o Luiz Gonzaga e seu Conjunto. A foto está até hoje na parede da casa de Cleusa.

O clima era de cidade grande, mas todos se conheciam como se fosse uma cidadezinha e tinham um mesmo objetivo o que dava à cidade um tom diferente das demais. Cleusa Sena em entrevista à autora conta como o Presidente Juscelino Kubtschek ajudou muito para que esse ambiente fosse criado:

Brasília, para quem viveu naquela época, não vai esquecer. Eu nunca vi em momento algum um movimento como aconteceu aqui no começo da cidade. Porque todos ali estavam imbuídos de uma finalidade: construir a capital da República. Então, se trabalhava dia e noite. A cidade não parava. Brasília era construída durante o dia e durante a noite. Então, qualquer horário que você andasse em Brasília, você via trabalhadores nas construções andando, era movimento o tempo todo, era uma atividade que não cessava à noite. Ela continuava, e todos com um entusiasmo fora do comum porque o presidente Juscelino passava isso para as pessoas. Ele não era só um presidente, ele era um ser humano como todos nós, ele subia nos caminhões, andava nas ruas, acompanhava tudo. Por isso ele, é tão querido.  
(Cleusa Sena, agosto de 2007)

“A Voz de Brasília” participou ativamente da construção de Brasília com esse serviço prestado às empreiteiras e ao trabalhador. No início da cidade, a maioria das pessoas vinha sem família, porque não havia acomodação.

As famílias ficavam na cidade de origem e os trabalhadores vinham antes e depois traziam os familiares. Por exemplo, chegavam parentes cujo irmão já estava na cidade e não tinham a menor idéia de onde estava essa pessoa. Então, iam até a Voz de Brasília e faziam o anúncio: “Atenção fulano. Sua família chegou da Paraíba e está à sua procura na porta da Voz de Brasília.” Eles então se encontravam.

Na Cidade Livre, os comerciantes e moradores tiveram muitos problemas com incêndios. O clima era muito seco e as casas feitas de madeira. Por isso os incêndios eram comuns. A Voz de Brasília colaborou muito nesse momento difícil.

O radialista Antoine Haddad foi locutor na Voz de Brasília nesta época e conta que os incêndios na Cidade Livre eram freqüentes, mas teve um em especial, em que não sobraria nada se não fosse o trabalho de ajuda feito pelo “Pau que fala.”

As casas, restaurantes e hotéis eram feitos de madeira e pintados a óleo, o que facilitava o rápido alastramento das chamas. No calor, estas construções pegavam fogo muito rápido. Haddad diz que se não fosse a Voz de Brasília, os prejuízos poderiam ser maiores. Quando o fogo começou, o Sena ficava num extremo da cidade e ele no outro. Um transmitia as informações para o outro e a cidade sabia como as coisas estavam, o que fariam e para onde ir para se resguardar do fogo, como descreve Antoine Haddad em entrevista à autora:

Queimou todo um quarteirão e graças ao serviço de alto-falantes, “A Voz de Brasília”, muita coisa foi solucionada. Nós montamos mais dois estúdios rapidamente e outro locutor se apresentou, era o Carlos Sena. Ele transmitia para o povo e eu transmitia para ele: precisamos de tantos metros de corda, precisamos de tantos baldes para fazer respaldo. Isso não consta da história. Jamais me esquecerei daqueles momentos difíceis que nós passamos.  
(Antoine Haddad, agosto de 2007)

As mercadorias eram jogadas no meio da rua para evitar que fossem queimadas e é nesse momento que a rádio entrava no ar com essa ajuda, orientando, evitando que as pessoas saqueassem. Então, era aí que a rádio realmente se tornava uma rádio comunitária.

Haddad entrava no ar pela manhã e começava a ler os textos intercalando com músicas. Às 11 horas da manhã era apresentado o jornal. As matérias eram lidas

com destaque por quinze minutos. Isso valia como o noticiário diário. Depois a rádio saía do ar ao meio dia e retornava às 14 horas e transmitia até às 23 horas.

Na época do carnaval, a Voz de Brasília transmitia a festa que, de acordo com Haddad, era muito engraçada. Não havia instrumentos de percussão, só alguns violões, cavaquinhos e pandeiros. O resto era feito com a batida de panelas ou tambores que alguém arranjava para animar o bloco de candangos, que era formado pelos empregados das empresas de construção das cidades. O locutor ia para a rua com o microfone na mão e não podia andar muito porque o microfone tinha fio. Na época, não havia gravador ou cassete. Essas coisas ainda não existiam.

“A Voz de Brasília” fazia na época o que hoje se chama Rádio Comunitária. Os locutores da época foram os precursores das rádios comunitárias no Distrito Federal.

Clemente Drago, um dos primeiros locutores da cidade diz em entrevista à autora:

O pau que fala é o antepassado da rádio comunitária e é absolutamente necessária a rádio comunitária. Não me refiro à rádio pirata, que anda inclusive interferindo nos vôos, nos aviões, a rádio pirata não dá. Mas a rádio comunitária é absolutamente necessária. Porque o povo se comunica com aquilo que está mais próximo. Então, ele está ouvindo o pau que fala ou a emissora comunitária, ele vai lá reclama do buraco na rua, disso, daquilo.

(Clemente Drago, agosto de 2007)

O locutor Mascarenhas de Moraes, que até hoje trabalha na Rádio Nacional e foi um dos primeiros locutores da cidade, cita a importância de Carlos Sena no rádio em Brasília e o serviço imprescindível da Voz de Brasília para a cidade.

O embrião do rádio em Brasília, esse nome não pode ser esquecido: Carlos Sena. Não pode. O rádio em Brasília começou com a “Voz de Brasília” no Núcleo Bandeirante. Ali sim foi o começo de tudo. Funcionava assim: precisa-se de 50 carpinteiros mais 200 serventes, preciso de 50 pedreiros. Imediatamente, as pessoas paravam os caminhões na Avenida Central, ao lado da Voz de Brasília, o alto-falante. O que acontecia? Eles iam chamando, os caminhões iam lotando e traziam para o Plano Piloto as pessoas contratadas. Era uma coisa imediata. Era rádio comunitária, a primeira rádio comunitária do Brasil. Com certeza.

(Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

A rádio “A Voz de Brasília” fechou em maio de 1960, pouco depois da inauguração da cidade. O Sena foi para a Rádio Alvorada (que foi a primeira rádio particular em Brasília). Com ele, levou a mulher Cleusa e o locutor Antoine Haddad. Depois, ele trabalhou na Rádio Capital, Rádio Independência, mas sempre manteve esse elo com o rádio.

### **4.3 Nasce a Rádio Nacional de Brasília**

No dia 31 de maio de 1958, às cinco horas da tarde entrava no ar a Rádio Nacional de Brasília. Quem a inaugurou foi o presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – Novacap – Israel Pinheiro da Silva. A Rádio Nacional de Brasília foi inaugurada na Avenida W3 Sul, Super Quadra 507, onde depois funcionou o Cine Cultura.

O caminhão que trazia todos os discos, fios e cabos que faltavam para completar o equipamento estragou na estrada do Rio de Janeiro para a capital. Então, entra novamente em cena o Sena que emprestou todos os cabos que faltavam e também os discos para que a nova rádio fosse inaugurada. O radialista Mascarenhas de Moraes, hoje locutor da Rádio Nacional de Brasília estava na inauguração conta à autora o que viu:

Em maio de 1958 eu estava a dois metros do presidente Juscelino e ele inaugurando a Rádio Nacional de Brasília. Quando eu fiquei frente a frente com Sérgio de Alencar, com Paulo Gracindo, com Ângela Maria, as minhas pernas tremiam.  
(Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

No começo, a direção da Rádio Nacional de Brasília copiava a programação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A emissora trazia artistas e músicos e retransmitia as rádionovelas e o noticiário.

Em 1959, ela começa a produzir os “programas dos bairros” e passa a percorrer os acampamentos com shows ao vivo com grandes nomes da música brasileira da época como a cantora Glória Maria, Fernando Lopes, José Lourenço, Cláudio e o Trio Paranoá, Jesiel Mota e Selma Costa.

César de Alencar (1917-1990), apresentador de rádio e televisão vem a Brasília para apresentar o seu programa de auditório e traz seu locutor de comerciais, Meira Filho, que não retorna ao Rio de Janeiro e se torna um dos grandes nomes do rádio na cidade.

Com a Rádio Nacional de Brasília em funcionamento, a programação era feita para todo o país, e principalmente as notícias e os recados dos candangos construtores às suas famílias, dizendo que estavam felizes e trabalhando para construir a nova capital. Esse serviço social e humano, além de defender a necessidade da construção de Brasília, motivou a vinda de milhares de trabalhadores em busca de emprego. Um serviço que antes era feito pela Voz de Brasília para quem já estava na cidade, agora ia para todo o Brasil dando conta de como iam as coisas por aqui.

Nos primeiros anos do rádio em Brasília, as campeãs de audiência eram a Rádio Nacional e a Rádio Alvorada, que mais tarde eu vou contar como surgiu.

De acordo com Mascarenhas, hoje em dia fala-se muito em direito e cidadania, a Nacional nasceu para isso. Então, chegavam as pessoas e faziam filas em frente à Nacional para dar recado. O recado era dado por escrito. Havia dois funcionários da rádio que anotavam recados e passavam para o locutor, Mascarenhas de Moraes falou em entrevista à autora sobre as lembranças daquele tempo:

“-Quando eu vi a Fernanda Montenegro no filme “Central do Brasil” escrevendo cartas, eu lembrei do meu ganha-pão. Eu ia aos sábados e domingos para o mercado do Núcleo Bandeirante escrever cartas para as pessoas. Durante a semana, eu era apontador de obras, então eu escrevia cartas no alojamento. Sábado e domingo o movimento era maior, eu escrevia as cartas lá. Eu escrevia as cartas e elas colocavam no Correio. Quando chegavam as respostas elas traziam para eu ler. Eu ganhei muito dinheiro com isso. Quando eu vi aquele negócio no filme achei bom.”

(Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

A rádio ficou popular mandando os recados para todo o país. Os programas eram ao vivo, fazia-se o script, rodava no mimeógrafo e as cópias eram

distribuídas para o locutor e o operador de áudio, usavam-se os discos de vinil, acetato e também vinham alguns programas do Rio de Janeiro em fita.

Havia também “A Voz da Profecia”, que era um programa evangélico. Os programas eram gravados em grandes fitas de acetato que se perderam com o tempo e com as mudanças de endereço da rádio. Em cada mudança muito material ficava para trás, comenta Mascarenhas.

Com o passar do tempo, a Rádio Nacional começou a formar programadores e a contratar os locutores. A programação era feita na vontade, na sensibilidade e na leitura. Para ser um programador na Rádio Nacional tinha que ter um pouco de cultura musical e cultura geral.

Na programação da rádio, o forró era muito tocado, o motivo era que os candangos que ajudaram a construir a Rádio Nacional eram nordestinos.

Mascarenhas de Moraes é até hoje conhecido como o Embaixador de Goiás. Ele conta que no início da Rádio Nacional ficava triste, pois, na programação não podia tocar a música sertaneja de Goiás, de Minas Gerais, de São Paulo. Os grandes sucessos da época vinham das vozes de Anízio Silva, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Núbia Lafayette, Carlos Nobre e Cauby Peixoto.

Para ser locutor da Rádio Nacional, era necessário fazer um teste. Ter boa voz, ser desinibido e falar bem. Se tivesse essas características e os diretores gostassem, contratavam na hora. Não tinha nada de concurso nem de grandes necessidades da pessoa ter estudo. A informação é de Clemente Drago, locutor da Rádio Nacional há quarenta anos.

Drago conta que, às vezes o locutor era o redator e também o programador de rádio, na época chamado de discotecário. Muitas vezes o profissional exercia duas ou três profissões ao mesmo tempo. Não tinha a obrigatoriedade de ter faculdade de jornalismo.

Naquela época não havia muita reportagem de rua. As reportagens externas foram usadas mais tarde. Elas eram feitas pelos próprios apresentadores esporadicamente.

Clemente Drago é conhecido no meio de rádio como um dos melhores locutores do país. Ele conta que foi aprendendo aos poucos e só foi considerado profissional em 1966.

Ruy Carneiro era o diretor e deu à Drago o lugar de “Regra Três” do locutor Sérgio Dias e de Gilberto Amaral, que era o titular do Repórter Nacional. Regra Três é o terceiro locutor.

Gilberto Amaral era o grande locutor de noticiários em Brasília com locução corrida e sensacionalista lançada por Eron Domingues na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Quando Gilberto Amaral saiu, deu lugar à Clemente Drago, que até hoje apresenta o Repórter Nacional.

O atendimento ao ouvinte era o carro chefe da Rádio Nacional, além de curiosidades musicais e informação. Drago conta que, naquela época, os locutores da rádio eram também disc-jóqueis e julgavam os discos que iam tocar.

Desde que a Rádio Nacional foi inaugurada, a programação comercial sempre foi voltada para o varejo. Não tinha indústria para conseguir patrocínio ou comerciais de prestígio. O pessoal ia às lojas tais como Loja Milagrosa, Moplan, Solumaq e oferecia os programas. Era assim que funcionava o departamento comercial. Vivia do varejo dos comerciais, oferecimentos e patrocínios de programas.

Os primeiros anos do rádio em Brasília foi o alicerce de toda a gama de bons profissionais que surgiram no mercado. Quando a Universidade de Brasília - UNB foi inaugurada o modelo da Rádio Nacional foi adotado pela Faculdade de Comunicação, como nos conta Mascarenhas de Moraes:

A UNB adotou o sistema de comunicação da Rádio Nacional. Primeiro porque os professores que foram, os melhores eram daqui. Pessoas como Wilson Aguiar, diretor da revista “O Cruzeiro”, a maior revista que já teve nesse país. Então, você trabalhar com o homem que era editor da revista “O Cruzeiro”, você trabalhar com a professora Zita, que era uma mulher que sabia de teatro, sabia de cinema, que era fonoaudióloga, que era tudo e te pegava e falava: repita essa palavra. E você tinha que repetir.

(Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

Nos primeiros anos, a Rádio Nacional fazia parte do patrimônio da União, mas mesmo assim deveria se manter, teria que pagar suas despesas e folha de pessoal, com pelo menos cinquenta por cento de verbas vindas do departamento comercial. Os outros cinquenta por cento vinham da União.

A Nacional, como sendo emissora do governo, oficial, nunca chegou a ser muito popular, não chegou muito ao povo, nem a viver os problemas da comunidade, das cidades-satélites. Naquele tempo ainda não existia o entorno de Brasília. Por isso a emissora começou a perder público para Rádio Alvorada.

#### **4.4 As grandes vozes da cidade**

Os grandes locutores no início do rádio em Brasília eram: Meira Filho, João Marques, Aymoré Krieger, Clemente Drago, Abel Segato, Gilberto Amaral, João Narciso (Pranchona), Mascarenhas de Moraes, Antoine Haddad, Ruy Carneiro, Sérgio Dias, Henrique Régis e Breno Bikafisher. Destes, Clemente Drago, Antoine Haddad, João Marques e Mascarenhas de Moraes ainda estão no ar. Os diretores de rádio foram Carlos Menezes Sena e Paulo Roberto de Carvalho.

#### **4.5 Rádio Alvorada, o fenômeno**

Entra no ar em caráter experimental a “Rádio Alvorada de Brasília, uma emissora de Luziânia”. Era o que estava escrito no papel timbrado da rádio que foi inaugurada no dia 8 de dezembro de 1962, na Avenida W3 Sul, Super Quadra 503. Paulo Roberto de Carvalho era o presidente e mesmo com a concessão para Luziânia, no estado de Goiás, resolveu instalar a rádio em Brasília.

A Rádio Alvorada foi um fenômeno de audiência na cidade, chegou a marcar setenta por cento no IBOPE. Para ouvir a rádio, bastava sair pela cidade, não precisava de equipamento. As quadras inteiras estavam ligadas na Alvorada, pontos de táxi, apartamentos, casas, estabelecimentos comerciais. Para todo o canto tinha eco da Rádio Alvorada.

O radialista João Marques, hoje com 74 anos, veio para Brasília passear em janeiro de 1961 e acabou ficando aqui até então. Ele conta que depois de trabalhar na Rádio Nacional e na Rádio Educadora, foi convidado por Paulo Roberto de Carvalho para trabalhar na Rádio Alvorada, onde ficou por 24 anos. João diz em entrevista concedida à autora, que na época, tudo que era feito na rádio tinha uma grande repercussão:

Às dez horas entrava o “Giro da Notícia”, que era um dos programas de maior audiência de todos os tempos no rádio. Eu nunca vi isso. Aliás, não era o “Giro da Notícia”, tudo o que se fizesse na Alvorada tinha uma audiência fantástica, para todos os gostos. Nós tínhamos desde música regional, música sertaneja, até música clássica. Tudo o que acontecesse na cidade, a Alvorada dava conta ao ouvinte, divulgava. Onde acontecesse o fato, ali estava a Alvorada.  
(João Marques, agosto de 2007)

#### **4.5.1 O “Giro da Notícia”**

O programa “Giro da Notícia” tinha a peculiaridade de, além de dar a notícia, comentá-la e apontar soluções, principalmente nas questões mais controversas. Com uma equipe de jornalismo dirigida por Wilson Mehmere, produção e redação de Paulo Neves e Mário Nelson e dois locutores que apresentavam o programa.

Eles falavam sério, brincavam, criticavam as situações, davam sugestões. Eles não só criticavam como ofereciam saídas para o governo. Falavam com a população com tanta intimidade que até mesmo os mais altos escalões do governo ficavam ligados no que eles iam noticiar e como a população reagiria. A rádio formava opinião. O programa Giro da Notícia saiu do ar no fim dos anos 1980.

#### **4.5.2 O caso do milico que era fã**

João Marques conta que a cada aniversário da revolução, o governo mandava às emissoras de rádio e televisão de todo o Brasil alguém para em nome dele falar sobre este período.

Naquela ocasião, o convidado para falar sobre a revolução foi o Coronel Aldenandes, chefe do Gabinete Militar do Governador Hélio Prates.

O João Marques estava apresentando o programa “Giro da Notícia” quando viu o milico chegando e dando vastas gargalhadas. Ele pensou que ou o homem estava sendo gentil, ou eles todos seriam presos.

O “Giro da Notícia” mostrava os problemas da cidade, fazia críticas ao governo e o milico morria de rir. Quando chegou a hora de ele ser entrevistado, os locutores fizeram as perguntas que já estavam no script, ele respondeu a todas sempre com um sorriso e o pessoal da rádio ficou muito desconfiado. Terminado o programa, ele falou:

Coronel Aldenandes:

Olha, eu vou dizer uma coisa para vocês. Vocês não sabem o serviço inestimável que vocês prestam ao governo. Vocês apontam falhas, criticam, mostram tudo o que está acontecendo. Aqui falam dos problemas e oferecem sugestões, é um programa muito sério. A gente ri porque vocês fazem coisas hilariantes às vezes.  
(João Marques, em entrevista à autora em agosto de 2007)

O pessoal então respirou aliviado e percebeu que o milico não ia prender ninguém, ele estava sorridente por que era fã da rádio.

### **4.5.3 Equipamentos**

Naquela época, o rádio era movido à lenha, ou seja, tudo era muito simples. De acordo com João Marques, os equipamentos eram de acetato, depois veio o fitão e depois os cartuchos.

### **4.5.4 E continua a programação...**

De dez e meia às onze da manhã entrava o Galeb, um apresentador fora do comum para os padrões da época.

Ele era muito alegre, tocava rock. Musicalmente era isso que entrava no programa dele. Galeb tinha um jeito especial e descontraído, ele encerrava o programa assim: “Bom, minha gente, nosso tempo acabou, estamos em cima da hora, mas isso não quer dizer que estamos sentados em cima dos ponteiros porque machuca.” Ele brincava muito. De acordo com João Marques, ele criava essas coisas, era um “Chacrinha” da época.

Clemente Drago também trabalhou na Rádio Alvorada e conheceu a maioria dos locutores e funcionários que fizeram parte da primeira equipe. Ele conta que, além de popular, a rádio tinha uma programação musical muito variada, tocava-se de tudo para todos os gostos.

Ele descreve que, na Rádio Alvorada quando os divulgadores de discos chegavam para distribuir os lançamentos, eles julgavam os discos e diziam se a música era boa ou não. Tinha até um programa que fazia isso, se não gostassem quebravam os discos no ar e diziam: “Esse não presta, não vale nada.”

#### **4.5.5 Falha Nossa...**

Drago conta uma história que ficou na memória de quem ouviu. Tinha um locutor que julgava os discos ao vivo no programa, ele era o DJ.

Um dia durante a apresentação do programa, ele foi avaliar um disco dos Beatles, que tinha chegado à Alvorada pelas mãos de um divulgador. Ele pegou o disco, pôs para tocar quatro músicas e quando terminou disse: “Isso aqui é uma droga, esses caras não cantam nada. Isso não vale nada.” Ele quebrou o disco dos Beatles no ar. Menos de três meses depois, o mundo inteiro presenciou o fenômeno que foi os Beatles.

#### **4.5.6 Ao Cair da Tarde...**

O programa “Ao Cair da Tarde” começava às 17h 30 e era apresentado por João Marques, que falava sobre o entardecer de forma lírica, mas nunca repetindo

mesma frase no início: “ao cair da tarde”, “ao entardecer”, “quando a noite rola na encosta das montanhas”...

O redator do programa era Paulo Neves, o Paulinho que, com o passar do tempo, incrementava o programa com poesias e oferecimentos musicais. Todos os dias o João chegava para trabalhar e ia direto falar com o Paulinho para pegar o texto e discutir como seria o programa do dia.

Às vezes, o Paulinho dizia que naquele dia não ia fazer nada e o João reclamava:

-Paulinho, cadê o texto? Vai começar o programa? Eu não tenho nada para falar.

-Não vou fazer hoje não. Repete, tem muita coisa aí. A música quando faz sucesso repete dez vezes num dia. Porque um texto bonito não pode? Paulinho, não faz isso não. Escreve lá. Eram seis entradas de texto de 17h 30 às 18h. Ele dizia: - Não vou escrever não.

Então, quando o João já tinha selecionado os textos que seriam reprise, e se preparava para abrir o programa o Paulinho entrava no estúdio e dizia: Toma aí, seu chato, programa novo.

No “Ao Cair da Tarde”, todos os sucessos românticos tinham lugar, mas de acordo com João, Roberto Carlos era imbatível. No programa tocavam também os novos cantores: Jerry Adriane, Wanderley Cardoso, Erasmo Carlos, Trio Esperança, Golden Boys e The Fevers.

Esse programa esteve no ar durante dezoito anos, quatorze na primeira etapa. Depois saiu do ar e voltou, ficando por mais quatro anos.

João Marques em entrevista à autora, relembra como era a abertura do programa “Ao cair da Tarde”:

“-Está no ar, senhoras e senhores, mais um “Ao Cair da Tarde”, um programa especialmente feito para você, acompanhando o suave declinar da luz. Ao cair da tarde, quando tudo é mais calmo, uma saudade infinita envolve toda a minha alma e eu sempre assim. Meu amor, na distância entre nós, só a divina música pode trazer em surdina o canto da tua voz. És meu mundo de paz, alma gêmea de minha alma, minha doce ilusão, minha eterna oração.”  
(João Marques, agosto de 2007)

#### 4.5.7 Alvorada é só sucesso

O segredo do sucesso da Rádio Alvorada é que ela caiu no gosto do grande público. Ao contar a história do rádio em Brasília, a Alvorada merece um destaque especial pela criatividade e pelo apelo popular. Ela revolucionou a maneira de fazer rádio na cidade. É o que diz João Marques:

Enquanto a Rádio Nacional era oficial, a Alvorada caiu no gosto do povão. Surgiram depois a Rádio Independência, e a Planalto. Mas elas não conseguiam derrubar a audiência da Alvorada. Já tinha se tornado um hábito. A Alvorada era quase uma frequência cativa dos ouvintes de Brasília. Os programas tinham uma audiência fora do comum.  
(João Marques, agosto de 2007)

Na Rádio, havia ainda os programas: “Comando da Tarde”, “Os Cobras da Notícia”, “Jornal da Cidade”, “Disque 26883 e Ouça sua Música”, “Clube dos Namorados”, todos com a participação da população. A Rádio Alvorada fechou no final dos anos 1980 .

Clemente Drago, em entrevista à autora, falou de outro programa da Rádio Alvorada:

“Os Cobras da Notícia” era o programa de maior audiência em Brasília. Era um jornalismo engraçado, humorístico, em que os apresentadores imitavam padre, imitavam velinhos, imitavam crianças e tudo ao vivo, a sonoplastia toda feita ao vivo também. Esse programa em Brasília, para mim, foi um dos maiores programas de rádio que teve aqui em Brasília.  
(Clemente Drago, agosto de 2007)

## **5 BASTIDORES DO RÁDIO**

### **5.1 Moreno alto, bonito e sensual...**

João Marques conta que, na Rádio Alvorada, a programação de domingo era gravada. Em um fim-de-semana, estava na porta da rádio quando chegou uma senhora humilde, perguntando se poderia entrar para conhecer a rádio e os artistas.

Ele disse para ela que lá dentro não havia artistas, só operadores e locutores, mas apenas durante a semana, e que naquele dia só havia um locutor e um operador.

A senhora insistiu para, mesmo assim, conhecer o interior da emissora. Entrou. Depois de quinze minutos, ela voltou quase satisfeita, falou para o João que tinha ido até lá para conhecer o João Marques, mas que ele não estava.

Então, com pena de fazer a mulher voltar novamente, o João se apresentou: “Vou me revelar para a senhora, eu sou o João Marques.” Ela olhou bem para ele, colocou a mão no queixo e disse: “Ah, que decepção!”

João diz que, durante a semana, as pessoas iam à rádio para conhecê-lo. Ele chegava a portaria do alto de seus 1,60 m se apresentava: “Eu sou o João Marques, vocês querem falar comigo?”. As pessoas olhavam para ele e diziam: “Ih, você é baixinho.” Ele conta que ouviu muito isso. No imaginário das pessoas um locutor pode ser, moreno ou loiro, forte ou magrinho, mas nunca baixinho.

### **5.2 O grande sucesso de Luiz Gonzaga**

Clemente Drago lembra de um locutor da Rádio Nacional que foi anunciar uma música e leu como estava escrito: “Ouvimos com Luiz Gonzaga e seu conjunto, o baião “OXO”. O operador então começou a rir, colocou outra música e falou em *off*: O nome do baião não é OXO rapaz, é Zero a Zero.

### **5.3 O pedido de casamento**

Antoine Haddad foi selecionado para ser o locutor comercial no concurso Miss Brasil que seria no Ginásio Nilson Nelson. Havia os apresentadores e famosos, que geralmente eram dois atores de televisão.

O Haddad entrava no ar com aquele vozeirão anunciando os oferecimentos e falando sobre os produtos da Helena Rubinstein, dos Cartões Probos, e outras grandes empresas. O povo delirava.

Depois do espetáculo terminado, a mãe da Miss Porto Alegre, uma loira belíssima, chamou o Haddad e pediu a mão dele em casamento para a filha. Na hora, assustado com o pedido, ele disse que não poderia aceitar, pois era casado e tinha dois filhos pequenos.

A Miss quando soube que ele recusou chorou muito, achou ruim, estava apaixonada pela voz do Haddad.

### **5.4 Outra do João**

Esta quem contou foi o Drago, amigo de muitos anos de João Marques. Drago diz que quando o João era locutor de cabine, anunciava os comerciais, e do lado de fora ficava o contra-regra que anotava o horário que o comercial saía para mostrar para o dono das empresas. O contra-regra chegou para o João Marques e disse: -João, o intervalo está atrasado, fala mais rápido porque o Alziro Zarur já chegou para apresentar o programa dele.

O João, com pressa para anunciar o comercial de um produto de limpeza para cozinha chamado Branquiol, tinha que falar:

“-Senhora dona de casa, se a senhora quer brilhar seus talheres, sua pia, use Branquiol. Branquiol, em pó ou em pasta é o quanto basta. Com ele, sua cozinha fica brilhando.”

E o João na pressa entra todo formal e diz: *“Branquiol, em pá e em posta, é o quanto bosta”*. O operador cortou logo e subiu a música, o estúdio veio abaixo ninguém se agüentava de tanto rir. Essa ficou nos anais da radiofonia brasileira.

Desde então, cada vez que Clemente encontra o João ele diz: João, como é que é? *Branquiol?* E o João responde: *“Em pá ou em posta todo mundo gosta”*.

## 5.5 E atenção! Tropa de marrecos invade o Afeganistão!

Esta o próprio Drago contou:

-Eu fiz uma fantástica na Rádio Nacional, apresentando o Repórter Nacional e o operador era o Luciano Barroso, que hoje é um grande comunicador. O Luciano estava na mesa operando e eu entrei no Repórter Nacional de meio-dia e estou lá fazendo as notícias naquele estilo um pouco sensacionalista e foi. Quando chegou no final eu falei: Atenção para a última notícia! Afeganistão Urgente. “Tropas de Marrecos invadem o Afeganistão.” Aí, ele levantou o som. Ah Drago. Eu disse: o que eu falei? Tropa de marrecos. Aí eu falei: tropa de Marrocos invade o Afeganistão.

Quando eu vi que tinha lido tropa de marrecos, na minha mente veio os marrequinhos todos fardados, eles amarelinhos, com a farda verde, capacete verde e com um fuzil e um atrás do outro. Tropas de marrecos invadem o Afeganistão. Essa foi minha.

(Clemente Drago, agosto de 2007)

## 5.6 Mascarenhas de Moraes

A Rádio Nacional se popularizou e deixou que Mascarenhas de Moraes rodasse música sertaneja e começou a fazer o que está fazendo hoje, dá o recado ao vivo.

Mascarenhas mandava recado para todo o Brasil e na época da Guerrilha do Araguaia ele foi chamado por um general do exército para se explicar: “-Por que você está ajudando aqueles caras?”

Mascarenhas ficou sem entender nada. O general voltou a falar: “-Pára de mandar mensagens cifradas e ajudar esses guerrilheiros *filhos da puta*. O dia que você parar de fazer o que eles querem, você morre. Mascarenhas de Moraes em entrevista à autora, contou o que respondeu:

“-Não estou transmitindo nada para guerrilheiro. -Mãe estou mandando dinheiro pelo Correio. Isso eu entendo que é para alimento, não é para comprar munição.-General, eu não sei se é isso ou se não é. São pessoas humildes que chegam na rádio e eu mando o recado. Mas tem a pessoa lá para ler, para anotar.

-General, quando eu mando recado é para os familiares da pessoa,eu estou lendo o recado. Não é para matar essa mãe, esse pai ou esse irmão. As pessoas chegam na rádio dando benção para o microfone: - Benção, mãe. Benção, pai. E esticam a mão para o microfone. Até casamentos eu já fiz. Olha, o rádio é uma coisa que não dá para explicar. É preciso vivenciar.” (Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

O general achava que os recados que eram mandados de maneira simples por meio da rádio eram mensagens que comprometiam a segurança do Brasil e que estava desconfiado, por que eram mensagens muito simples e diziam muita coisa em poucas linhas.

Por causa deste mal entendido, Mascarenhas de Moraes na época da ditadura, quase foi preso e demitido da rádio. Ele falou à autora sobre a memória no Brasil e em Brasília e sobre a importância do registro destes fatos:

-O mal de Brasília é que não existe memória. Não existe memória no Brasil.

Para encontrar alguma coisa da memória de áudio, ou imagens só se for com particulares que guardaram por lembrança. Não existe. Brasília tem um museu da imagem e do som? Não. Tem apenas um museu de uma imagem fixa de fotos. Então, Brasília tem tudo de bom e tem muito de ruim. Porque, principalmente, quem não lembrar do passado, não tem futuro. Brasília é, vai ser e sempre será um pólo, que irradia tudo. Quando Juscelino disse que desse planalto central, dessa solidão, ele via o olhar do amanhã desse país, eu torço para que Deus nos dê outro Juscelino, Deus nos dê novos Darcy Ribeiro, e Deus nos dê outras pessoas que possam vir e fazer memória, guardar para que seus netos, os meus netos, para uma geração que virá possa, saber que tudo que eles estão modernizando com mais facilidade de trabalho tem uma origem.”

(Mascarenhas de Moraes, agosto de 2007)

## **5.7 A rivalidade entre os colegas**

Clemente Drago diz que naquela época os radialistas eram mais amigos, se reuniam sempre no mesmo lugar. Todos se viam. Quando já havia a Rádio Planalto, a Rádio Independência, que depois se transformou na Rádio Capital,

depois veio a Rádio Globo, ainda havia uma irmandade. Clemente Drago falou à autora sobre a união entre os radialistas nos primeiros do rádio em Brasília:

A gente se reunia a maior parte do tempo na TV Brasília, canal 6, que era da Rede Tupi. Ali tinha uma cantina do Paulo, que ficou muitos anos ali com a cantina e os radialistas se reuniam todos ali na TV Brasília. A gente se via, ia no programa do outro, ia na rádio do outro, porque a gente trabalhava em duas ou três também. A gente tinha uma fraternidade, uma irmandade, um carinho, um ajudava o outro. Está precisando de emprego? Espera que vou ver se consigo para você lá na rádio tal. Hoje não. Depois essa coisa foi mudando e as rádios mudaram as suas programações e ficou uma coisa assim mais fria, mais seca. Às vezes a gente vê um colega só na hora do trabalho, não sabe nem onde ele mora.

(Clemente Drago, agosto de 2007)

Quando os profissionais de rádio se referiam a outra emissora, diziam a nossa “co-irmã”. A nossa Co-irmã Rádio Planalto, nossa co-irmã Rádio Nacional.

Drago conta que eles falavam assim porque uns ajudavam os outros, conviviam todos juntos. O objetivo era fazer rádio com amor, com carinho, com gosto. Até o dinheiro não era muito importante. Ele lembra que às vezes não tinha dinheiro para ir abrir à emissora. Então, saía a pé pelas ruas, devagarinho até chegar à rádio às 6h, feliz por estar trabalhando na profissão que escolheu por vocação, e principalmente por amor.

## 6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, pretendeu-se evidenciar uma parte importante da história de Brasília: a cidade surgiu e foi integrada pelo rádio que nasceu junto com ela.

Esse meio de comunicação é considerado bastante ágil na comunicação com a sociedade, pois ele atinge os mais variados públicos, dos mais variados níveis sociais e culturais. O público que recebe a informação onde que quer que esteja, é o protagonista desse veículo de comunicação de massa, pois é a dele que é contada todos os dias.

Para o nascimento da capital federal o rádio funcionava como uma figura humana, um amigo falando com essa nova sociedade que surgia, em todas as horas. “O rádio, era gente”.

O foco deste trabalho foi mostrar a história do rádio na capital federal através das impressões daqueles que fizeram parte desse momento, daqueles que ajudaram na sua consolidação. Essa reconstituição foi feita através de depoimentos dos profissionais que trabalharam na época e com isso se conseguiu traçar a linha editorial das primeiras emissoras, bem como obter um registro escrito dos relatos orais dos primeiros radialistas de Brasília, já que materiais de acervo da época não existem mais.

Fica bastante evidente que o nascimento do rádio em Brasília teve um papel social muito importante junto à comunidade que chegava a capital federal.

A função da rádio era comunitária, pois era através dela que se obtinham informações das muitas frentes de trabalho na época da construção da capital. Através da rádio também se uniam famílias que chegavam de todos os lugares do Brasil para ajudar na construção da nova capital e, logicamente a rádio divertia a todos com a sua programação musical que aproximava os grandes intérpretes brasileiros dessa nova comunidade.

A cidade foi crescendo, e as rádios seguiam os mesmos passos. Mas a principal função dela, nunca foi modificada: a de informar e divertir. Os programas

foram se aperfeiçoando, rádios maiores e mais potentes surgiram como a Rádio Nacional.

Esse crescimento todo também teve seu lado negativo, citado por um dos entrevistados. O fato de hoje não haver mais tanta proximidade entre os colegas radialistas. O distanciamento entre os colegas de profissão talvez seja um reflexo da nossa sociedade moderna e urbanizada.

Mas o que se pode concluir, a partir dos depoimentos é que reconstruir a história do surgimento da rádio em Brasília traz elementos importantes da própria história da cidade e perpetua uma parte da história da rádio no Brasil.

O que foi levantado nesta monografia não se esgota aqui, pois é necessária com urgência, a criação de um museu de som e imagem em Brasília, para que os fatos não sejam esquecidos e sirvam como guia para as próximas gerações, sem esquecer dos profissionais que construíram a história do rádio na capital.

Nesse sentido a autora está em contato com Deputados Distritais para levantar a viabilidade deste projeto. A Deputada Distrital Eliana Pedrosa se diz uma apaixonada pelo veículo e têm interesse na criação do Museu do Rádio em Brasília. Este trabalho será apresentado à ela com a intenção de ajudar e pesquisar a história com profundidade e maior abrangência.

## **Bibliografia**

DUARTE, Jorge, BARROS Antônio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

JUNG, Milton. *Jornalismo de rádio*. São Paulo: Contexto, 2004.

MEDITISCH Eduardo. *O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Coimbra: Minerva, 2001.

PRADO Emílio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1985.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.